

“O trabalho da gente es a vida da gente”: experiências, memórias e narrativas orais de trabalhadores latinos em Uberlândia – MG

Maria Gisele Peres*

RESUMO

Este artigo tem como objetivo expor algumas reflexões sobre a pesquisa realizada no curso de Mestrado em História da Universidade Federal de Uberlândia. Neste trabalho foram problematizados os significados sociais e as tensões presentes nas relações estabelecidas por trabalhadores latino-americanos (não-brasileiros) em suas trajetórias, memórias e culturas. Já neste artigo o foco será suas itinerâncias como um movimento impulsionado pelo trabalho que realizam. Nesse sentido a ênfase estará em suas andanças e nos motivos que os levam a deixar seus países como uma alternativa para suas vidas.

PALAVRAS-CHAVE: culturas - trabalho - experiências

ABSTRACT

This article has with objective to show some reflections about the inquiry carried out in the course of Master's degree in History in the Federal University of Uberlândia. In this work I problematize the social meanings and the present tensions in the relations established by Latin-American workers (non-Brazilians) in his trajectories, memories and cultures. In this article the focus will be his intinerance like a movement driven by the work that they carry out. In this sense the emphasis will be in his wanderings and in the motives that take them leaving his countries like an alternative for his lives.

KEYWORDS: cultures - work – experiences

Ao realizar a pesquisa de mestrado a partir das narrativas orais de latino-americanos que trabalham na cidade de Uberlândia e que circulam pelas diversas cidades do Brasil e da América Latina – muitos até mesmo na Europa – e tendo como foco suas experiências de viver estas andanças, realizando trabalho autônomo, pude compreender que suas práticas evidenciam um sentido diferente para esse “viver sem fronteiras”. Ao contrário dos movimentos migratórios do final do século XIX e início do século XX incentivados pelo governo em suas políticas de substituição de mão-de-obra, suas narrativas indicam que esses trabalhadores não vieram “fazer a América”.

Diante desse novo processo, percebo que esses trabalhadores estão em busca de alternativas para suas vidas e isso não significa necessariamente enriquecer ou estabelecer-se de forma definitiva no Brasil.

Busquei compreender o trabalho que realizam e seu modo de viver sempre em movimento como uma das formas possíveis de compreender suas práticas e viveres como expressão do processo de exploração social a que eles e muitos outros trabalhadores estão

* Professora de História da Escola Estadual Maria da Conceição Barbosa de Souza, mestre em História Social.

submetidos. Este processo traduz um movimento de reordenação das forças e interesses no mundo capitalista que, se muitas vezes gera exploração e dominação, também aponta a construção de alternativas que, no caso dos trabalhadores latinos, evidenciam-se por meio das experiências vividas em suas andanças.

Ao longo da produção das narrativas, compreendi que para que possam viver em constante movimento é necessário que conheçam pessoas. Desde a saída de seus países até a chegada em Uberlândia, estes trabalhadores contam com a contribuição de amigos e parentes. São pessoas que vivem experiências parecidas com a desses trabalhadores e que, como já conhecem melhor o Brasil, podem então ajudá-los. Ao perceber isto foi possível compreender que sair do país implica a necessidade de criar uma rede de relações que lhes possibilitem este movimento constante.

O envolvimento de toda a família, assim como as amizades que são construídas por meio do trabalho, forjam esta rede de relações que lhes proporciona uma maior estabilidade para suas andanças ou para o período em que ficarão no Brasil.

Ao narrar o trajeto que percorreu desde o Uruguai até Minas Gerais, pergunto ao Sr. Marcelo por que ele escolheu a cidade de Uberlândia para viver, e sua narrativa acontece da seguinte forma:

É, bueno, o negócio é assim, eu sempre teve como um ideal da minha vida poder morar no Brasil, né? Eu gosto desde de pequeno, meu pai trabalhava, é, assim de marino, ele chegava muito ao Porto de Santos, São Paulo, ele levava brinquedos pra mim, livros todos sempre daqui e eu escutava muita música também e sempre gostei do Brasil. Aí o sonho meu era ficar em alguma parte do Brasil quando eu tivesse certa idade, que eu já tinha, né? Aí a gente estava passeando por Santa Catarina e trabalhando também, o verão de 2005 e conhecemos em Laguna dois companheiros de trabalho que também eram artesãos, e daqui de Uberlândia, daí eles falaram muito bem daqui, que aqui era legal pra nós trabalhar, eles se mandaram (inaudível) pra gente, oferecendo sua casa pra quando a gente chegar até arrumar a situação e daí chegamos em Uberlândia com, com esta intenção e com esta invitación.¹

Em sua narrativa pude perceber que o motivo de sua vinda se apresenta em dois momentos que se entrelaçam. O primeiro momento é marcado por sua expectativa em relação ao Brasil que foi constituída por meio de músicas, livros e histórias que seu pai lhe havia contado. Estas lembranças da infância possivelmente fizeram com que o Brasil se tornasse para ele um lugar idealizado. Os brinquedos, livros e músicas que já conhecia são os referentes que ativam sua memória e que o fazem construir sua narrativa onde o Brasil se transforma em um sonho de infância que se realiza agora na vida adulta.

¹ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, na Praça Tubal Vilela em Uberlândia no dia 21 de fevereiro de 2006.

O segundo momento está nas relações constituídas, afinal não bastava apenas sonhar com o Brasil, era necessário também construir uma rede de relações para que sua decisão de ficar em alguma parte do país fosse possível. Assim, sua chegada em Uberlândia é então mediada por expectativas, mas também por outros trabalhadores que nesta cidade moravam e que lhe apoiaram em sua empreitada.

Diferentemente do Sr. Marcelo que fundamenta a escolha pelo Brasil em suas reminiscências da infância, a vinda da Sr. Isaías Manuel Velásquez Villega, peruano de 50 anos, que vive no Brasil desde 1981, é marcada por um tempo diferenciado. Ao narrar sobre sua decisão de vir para o Brasil, ele fala:

*[...] estube seis anos na marinha de guerra, era marinheiro enfermeiro, então, e depois eu apresentei com cinco anos apresentei a renúncia pra sair da marinha, eu não gostava da marinha, eu entrei porque minha mãe me disse que era bom pra mim que era uma carreira e essas coisas todas, né?*²

Sua narrativa traz as marcas de sua experiência na Marinha Chilena e, conseqüentemente, por ter entrado nela no ano de 1973, sua vida acaba sendo envolvida no golpe que ocorreu seis meses depois da sua entrada. Ao refletir sobre o enredo que construiu para explicitar suas vivências, compreendi que a necessidade de buscar melhores condições de vida fora da marinha significava principalmente romper com uma disciplina que contradizia com seu modo de viver e que foi suportado por ele como um meio para ganhar a vida.

Ao lhe perguntar por que resolveu deixar seu país esse trabalhador diz:

*[...] saindo da marinha, eu estive seis anos, eu entrei 73, 73, 74, 75, 76, 77, 78 foi o ano que eu saí, entendeu? Eu tube seis anos depois eu saí porque eu pensei direito, eu já mexi com isso, não vou voltar atrás e não gosto muito mesmo dessa disciplina militar, então, vou sair. Aí fiquei um tempo desempregado no Chile quando eu estava sentado fora de casa así por essas horas tipo quatro da tarde passou um sub-oficial da marinha que eu conhecia de quando eu estava no hospital naval como enfermero e conversando com ele, ele me disse “vá para o Brasil, o Brasil é bom, eu tenho uns sobrinhos em São Paulo e eles tão bem, vai lá pro Brasil”, me deu o endereço e eu vim pra cá, né? Aí eu encontrei aqueles parentes dele e me deu uma orientação, uma ajuda e eu fiquei por aí.*³

Ao marcar o tempo em que estive na marinha me pergunto o que seria o “entendeu” utilizado por ele ao término da marcação que faz deste tempo. Possivelmente estaria tentando me chamar a atenção para esta experiência que viveu em busca de construir um diálogo em que houvesse um entendimento comum sobre o que foi viver este tempo da ditadura chilena.

Fico, assim, pensando sobre as reformulações que ocorreram dentro da marinha com a militarização do Estado, o que me faz refletir sobre como foi para ele viver este tempo enquanto um enfermeiro da marinha e se, para além da necessidade de trabalhar, o Sr. Isaías

² Entrevista realizada em Uberlândia com o Sr. Isaías Manuel Velásquez Villegas, no dia 14 de junho de 2006.

³ Entrevista realizada em Uberlândia com o Sr. Isaías Manuel Velásquez Villegas, no dia 14 de junho de 2006.

também não sentiu a necessidade de se afastar da repressão, da sobrecarga de trabalho, da intolerância e da disciplina militar, da qual ele já não gostava muito, mas que foi obrigado a aceitar como uma forma de sobreviver. Talvez esta seja uma escolha política que permite refletir sobre o que o trouxe ao Brasil.

Além disso, deve ser salientado que, embora os significados atribuídos para sua vinda sejam diferentes, as relações constituídas por este trabalhador foram fundamentais para que pudesse permanecer no Brasil. Assim como o Sr. Marcelo, também o Sr. Isaías constituiu relações que lhe indicaram um lugar para o qual deveria se dirigir para trabalhar. A cidade de São Paulo foi ao primeiro momento sua opção, pois lá havia pessoas que podiam lhe dar “*uma orientação, uma ajuda*”⁴.

Essas redes de solidariedade estabelecidas tornam-se a base para o viver dessas pessoas ao longo de suas andanças por diversas cidades e países. Ao dialogar com a Sr^a Norca durante uma entrevista em sua casa, ela explica como sua família conseguiu alugar a casa onde moram, uma vez que se encontram de forma “ilegal” no país, portanto, sem os documentos necessários para que um contrato de aluguel seja firmado por meio de uma imobiliária:

[...] antes (dela vir) já meu esposo estava aqui. Ele conheceu um amigo, por intermédio desse amigo, entón, foi mais fácil, foi mais fácil de alugar.

P: *Daí esse amigo ajudou?*

*Ajudou. Por isso que falo que la gente, aqui brasileiro ajuda, né? É isso.*⁵

Retomando este mesmo tema em outra entrevista realizada em sua casa, a Sr^a Norca fala:

[...] foi por um amigo de meu esposo. É, esse amigo conhecia la dona de aqui, entón, ele recomendó e foi como garante. Foi como garante e por isso que nos alugaram essa casa. Tem que ser conhecido assim para, por fazer...

P: *Tem que ter outras pessoas, né?*

*Ter outras pessoas que são de aqui, conhecer e para por alugar se não la gente fica na rua. É, aí, aqui estamos já, dois meses em esta casa. Também que, a casa não es así muito boa pero dá para morar. Dá para morar, o aluguel es menos, tudo, estamos, é, mais perto também do centro porque no otro lugar dá, é longe demais, na otra casa que estávamos e hoje tá melhor. Tá melhor até para as meninas brincar aqui um pouquinho, tem este área grande, é folgado.*⁶

O que percebo é que a receptividade dos brasileiros, da qual muitos falam durante as entrevistas⁷, está vinculada também a determinadas necessidades. Por trás do caminho que percorrem existem relações construídas que ajudam a promover os deslocamentos,

⁴ Idem 3.

⁵ Entrevista realizada com a Sr^a Norca Esperanza Basquez Rojas em Uberlândia, no dia 23 de março de 2006.

⁶ Entrevista realizada com a Sr^a Norca Esperanza Basquez Rojas em sua residência no dia 14 de abril de 2006.

⁷ Foi recorrente durante as entrevistas a imagem do brasileiro ou do mineiro como gente *cálida*, hospitaleira, que sabe receber bem as pessoas.

constituindo assim um círculo de apoio que propicia o estabelecimento em uma moradia ou que lhes dão abrigo por algum tempo até que tenham condições financeiras para alugar sua própria casa.

Em seu enredo, esta trabalhadora ainda aponta quais são os critérios da escolha do local para morar, onde “*o aluguel es menos*”⁸, sendo “*mais perto também do centro*”⁹, o que propicia, além da economia no transporte para seus locais de trabalho, também uma acessibilidade maior a esses locais.

No entanto, não pude deixar de pensar sobre o que também está do lado oposto dessas expectativas, o que significa não construir essas redes. Esses trabalhadores vivem a possibilidade de que a vida não dê certo e que se tornem pessoas sem lugar, ficando nas ruas, e quem sabe, se tornando até mesmo indigentes.

Além disso, o que muitas vezes significa solidariedade para esses sujeitos, para os brasileiros pode significar uma forma de ganhar dinheiro. Se por um lado essas relações constituem uma rede de solidariedade, por outro são constituídas também por interesses. Aceitar alugar uma casa sem um contrato formal para pessoas que estão “ilegais” pode ser também a garantia de pagamento caso elas tenham o interesse de se resguardarem.

Durante uma entrevista com o Sr. Marcelo na Praça Tubal Vilela este trabalhador foi narrando porque no ano de 2006 saiu de Uberlândia por alguns meses. Em sua narrativa ficam claras as tensões vividas por ele com aqueles que inicialmente haviam sido muito hospitaleiros:

*É, mas em naquele 2006 se puse muito insuportable, aí se unió aquele, el marido da senhora que alugo pra nós, é um cara muito agressivo e muito invidioso, é, por invidia, porque la gente no levava gente em la casa, vo te falar, la gente que foi la casa foi você que foi una vez, não foi? O dos, não sei, uma...
[...] Uma. Fernando creio que foi duas e o chile foi duas, em todos esses nueve meses, tô te falando, ah e foi una mulher uma vez hacer su tatuagem na casa, tá? Que la queria privado, não gostava de fazer na rua, aí o cara começo a pedir cada vez mais dinheiro por una solo pieça, todos los vizinos com casa com três cômodos tan pagando lá 130, tavan, 130, 150, aí eles começaram pedindo sempre a gente e a los nueve meses estava pagando quase 200 por aquele cômodo que você conhece. Aí tivemos una briga com eles e se junto tudo aquilo, aquela (cordenada?), aqui tinha vontade de viajar um poco e conhecer mais, no? Que é parte dos nossos planos, aí dicimos bueno vamo embora, vamo embora e fuímos para Rio de Janeiro.*¹⁰

Afirmando uma boa imagem ao falar de seu bom comportamento enquanto locatário e colocando-se até mesmo como uma pessoa invejada pelo locador da casa, o Sr. Marcelo traz

⁸ Idem 6.

⁹ Idem 6.

¹⁰ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez. em Uberlândia, no dia 02 de junho de 2007.

em sua narrativa as tensões vividas nas relações que constitui. Relações essas que, se em muitas situações lhes foram favoráveis, em outras significou controle ou exploração.

O Sr. Marcelo vivia com sua esposa no Bairro Martins em um espaço que se resumia em um cômodo com banheiro onde dormiam, cozinhavam e trabalhavam criando o artesanato. Porém, apesar de seu “bom comportamento” enquanto vizinho e enquanto locatário, o Sr. Marcelo viu sua autonomia ser cerceada por um homem “agressivo e muito invejoso”¹¹ que quis lhe retirar o direito em levar pessoas à sua casa e que usou isso como uma das justificativas para um constante aumento do aluguel.

Por que este controle intenso? Acredito que há interesses em jogo e que a questão não seja apenas lucrar com o aluguel, mas também uma desconfiança, pois havia a possibilidade de que fosse enganado. Afinal, fiquei pensando se ao alugar seu imóvel o dono desta casa também não se sentia como que pactuando com o Sr. Marcelo e sua esposa e se não via nesta situação a possibilidade de que eles abrigassem outros trabalhadores considerados “ilegais”.

Por outro lado, por que aceitaram esta situação por tanto tempo? Uma das possibilidades que observei ao longo da pesquisa e que pode ser uma das formas possíveis para refletir sobre esta indagação é a situação de “ilegalidade” que permeia o viver destes trabalhadores. Por isso indago também se não seria esta situação em que vivem que acabou por fazê-los suportar durante estes nove meses o controle e a exploração sofrida, período em que o aluguel foi aumentado em mais de 50%.

Além disso, acredito que este suportar possivelmente está ligado às suas expectativas de vida, pois são elas que os fazem permanecer, trabalhar, lutar por seus direitos. Por isso, não é possível ver este casal apenas como passivo neste processo de exploração. Embora a justificativa para saírem da cidade seja uma vontade de viajar e conhecer outros lugares, esta saída foi mediada pela necessidade de buscar outro lugar para ficar, onde não fossem mais controlados, resistindo, assim, ao buscar sair dessa situação.

Isto também me fez perceber que, embora exista esta rede de solidariedade ela não significa que as tensões sejam reduzidas ou anuladas, mas que, a partir delas, torna-se mais viável permanecer e trabalhar. Assim, estas redes de solidariedade se constituem enquanto estratégias para suas andanças e para o tempo em que permanecem, dando-lhes apoio já que não podem recorrer aos poderes instituídos.

Ao mesmo tempo, as problemáticas inerentes à situação de “ilegalidade” são também contornadas pelo trabalho que realizam, uma vez que sendo realizado de forma autônoma não

¹¹ Idem 10.

os obriga a se submeterem a um patrão ou a leis trabalhistas, já que não possuem também os documentos para isto.

Nesta direção, compreendo que além do sentido econômico vinculado à necessidade de sobrevivência, o trabalho para estes sujeitos também é uma prática social. É por meio dele que estabelecem relações que lhes permitem permanecer no Brasil ou “circular” pelas cidades brasileiras e outros países, conseguindo moradia e garantindo, assim, seu espaço social.

Em minhas idas a esta praça começou a chamar atenção a forma como seu espaço é significado, produzido e (re)elaborado por aqueles que o ocupam através de seus trabalhos, de suas práticas e vivências. O trabalho que realizam, seja na praça ou nas ruas centrais da cidade, coloca estes trabalhadores em contato permanente com todos aqueles que, por diferentes motivos, também dividem com eles este lugar.

Em uma entrevista com o Sr. Marcelo, realizada em sua casa no bairro Martins, peço que fale sobre o trabalho que realiza na Praça Tubal Vilela e ele inicia sua fala:

Bueno, é, o trabalho da gente sempre tem muitos aspectos, no? Porque, é, o trabalho da gente es a vida da gente, es algo que se você tem coisa errada, é, é, é, una persoa así, cidadã, cidadana, bom no sei como falam, tá bien cidadã? É, sempre tem que acolher algum tipo de trabalho decente pra poder, é, levar sua vida e se cuidar, cuidar sua família, sus seres querido e sei lá desfrutar também um poco da vida.¹²

Para falar de seu trabalho o Sr. Marcelo busca criar uma aproximação do que ele significa, partindo do suposto de que, de certa forma, o valor que lhe atribui também poderia ser compartilhado por mim. A partir da busca por um entendimento comum relaciona-o então ao sentimento de cidadania que o trabalho lhe traz, o que possibilita assim ter expectativa de um dia também ter seus direitos reconhecidos. Por não separar o trabalho das outras instâncias de sua vida, ele também não o dissocia da maneira como se requer cidadão, desta forma o trabalho torna-se um direito que, para ele, está relacionado à sua conduta e valores.

Neste sentido, percebo que ao não separar o trabalho do seu viver: “[...] o trabalho da gente es a vida da gente¹³”, este trabalhador amplia o significado do trabalho que não é realizado apenas como uma função, como um ofício separado de outras dimensões de sua vida. Sua fala tem significância, permite pensar o trabalho como uma relação que não pode ser dissociada de suas vivências.

O sentido que atribui ao seu direito de desfrutar a vida também está diretamente relacionado a uma série de valores que norteiam suas vivências, assim como está ligado ao trabalho. Se por um lado o trabalho lhe possibilita usufruir o que a vida lhe oferece, pois lhe

¹² Entrevista realizada com Sr. Marcelo Rodriguez em Uberlândia, no dia 02 de junho de 2007.

¹³ Entrevista realizada com Sr. Marcelo Rodriguez em Uberlândia, no dia 02 de junho de 2007.

garante o dinheiro para isso, por outro esse desfrutar não acontece de qualquer maneira, mas orientado pelas responsabilidades com a família. Ter direito àquele espaço e ser um cidadão nesse sentido liga-se à honestidade e ao direito ao trabalho enquanto um direito à vida.

BIBLIOGRAFIA:

CANCLINE, Nestor Garcia. **A Globalização Imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania cultural**. O direito à cultura. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

FENELON, Déa Ribeiro. Trabalho, Cultura e História Social: perspectivas de investigação. In: **Rev. Projeto História**. São Paulo: EDUC, nº 4, junho de 1985, p. 21-37.

KHOURY, Yara A. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho d'água, 2004.

ORTIZ, Renato. “El contexto mundial y el iberoamericano” . “Las culturas de la contemporaneidad”. In: **Cultura u sustentabilidad en Iberoamérica**. Barcelona: Fundación Interarts, 2005, pp. 23-39.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento de igualdade. In: **Revista Projeto História**. São Paulo: Educ, número 14, fevereiro de 1997, pp.7-24.

_____ Sonhos Ucrônicos. Memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. In: **Revista Projeto História**. São Paulo: Educ, número 10, dezembro de 1993, pp. 41-58.

SADER, Eder. **Um rumor de botas**; a militarização do Estado na América Latina. São Paulo: Editora Pólis, 1982.

SAMUEL, Raphael. Teatros da memória. In: **Revista Projeto História**. São Paulo: Educ, número 14, fevereiro de 1997, pp.41-81.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**. Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

THOMSON, Alistair. Histórias (co)movedoras: História Oral e estudo de migração. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, n. 44, p. 341-364, 2002.